

A EXPERIÊNCIA LÚDICA/SENSÍVEL NA FORMAÇÃO DE ARTE-EDUCADORES.

RENATA LOPES SOPEÑA¹; NÁDIA DA CRUZ SENNA²

¹ Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – re.sopena@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – alecrins@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado em Artes Visuais intitulada – O lúdico no ensino da Artes: práticas pedagógicas de três arte-educadoras de Pelotas/RS – que compreende a docência como exercício lúdico. No decorrer deste estudo foi possível compreender a importância de pesquisar o lúdico no campo da formação integral do sujeito. Pois entendo que o lúdico age no campo da formação integral do sujeito revelando-o enquanto sujeito social, corporal, cultural, afetivo e intelectual. A intenção é refletir sobre formação docente a partir de investigação bibliográfica em autores referenciais, que trazem o lúdico como experiência de aprendizagem sensível, capaz de promover transformações e atender inquietações contemporâneas. Inclusive, percebendo a experiência lúdica como ferramenta de mediação para os professores-formadores. Para fundamentar estes aspectos da formação docente analiso os estudos de Josso (2004), aponto aspectos de Nóvoa (1992) e Tardif (2007) para pensar os saberes necessários para formação docente; Duarte Jr (2006) e Meira (2003) sobre a educação do sensível; Ferraz e Fusari (2009) e Barbosa (2002) sobre a arte-educação; e Massa (2015) e Luckesi (2002) sobre o lúdico e a experiência lúdica.

2. METODOLOGIA

A pesquisa fundamenta-se em uma metodologia de cunho bibliográfico com base em livros, teses, dissertações e artigos que perpassam pelos diferentes assuntos que o tema engloba.

3. DISCUSSÕES

Acredita-se que a abordagem de uma educação lúdica considera o ser humano numa estrutura global e integral, procurando valorizar e potencializar o desenvolvimento dos aspectos intelectuais, criativos, corporais e estéticos. Esses conhecimentos precisam ser incorporados aos saberes necessários para a formação e a atuação docente. Percebe-se que é possível avançar no entendimento de uma percepção sobre o lúdico e a ludicidade de forma que integre as diversas versões já analisadas por outros autores, pensando sob vários enfoques que possam caracterizar o ser humano como um ser mais sensível e lúdico, e também, uma formação mais sensível, crítica e reflexiva do arte-educador.

Assim sendo, aborda-se o estudo de Massa (2015) que compreende a ludicidade por dois pontos de vista: o objetivo, que é externo ao sujeito e relaciona o lúdico ao coletivo, e o subjetivo, que é interno ao sujeito, no qual a ideia de

lúdico está relacionada à experiência interna do indivíduo. A autora nos revela que no enfoque subjetivo a ludicidade é subjetiva, pois se presentifica em sentimentos, ações, emoções e pensamentos que estão integrados. Para a autora, a experiência lúdica “é algo interno do sujeito, que não é perceptível e que é único. É através da experiência lúdica que o indivíduo se constitui” (MASSA, 2015, p. 126). Para Luckesi (2002), o que caracteriza uma atividade lúdica é a plenitude da experiência. Com isso, podemos entender que o lúdico oportuniza ao indivíduo formas que ele pode vivenciar o momento em sua totalidade, consentindo uma entrega integral e uma abertura das pessoas que a realizam. Assim, a ludicidade está presente em várias ações do cotidiano do sujeito onde essas atividades sejam realizadas com inteireza e que propiciem uma experiência plena ao indivíduo.

Nessa complexa estrutura do ser humano e sua subjetividade entende-se que educar dessa forma é algo desafiante que há necessidade de olhares diferenciados. Não devemos olhar a subjetividade humana como sendo o contrário da objetividade. Então, percebe-se a importância de deixar de pensar dicotomicamente, separando uma visão que opõe a criança ao adulto, o sério ao lúdico, o brincar ao estudar, os que são aparentemente contrários, para assumir uma perspectiva dialética, na qual estes opostos passam a ser encarados como complementares e ambivalentes. Com isso, reconhece-se que a experiência lúdica, que é permeada por elementos íntimos e próprios de cada sujeito, seja uma expressão subjetiva, que não se encontra no outro, no objeto ou no ambiente.

No entendimento e na compreensão das experiências humanas do dia a dia, parece haver certa necessidade de compreender e saber observar elementos que se complementam como o pensar, o sentir e o agir, tornando-os indispensáveis para a concepção da totalidade do ser humano. Este entendimento é um tanto quanto complexo e precisa sentir, no sentido de sentimento e afetividade, sempre pensando no conjunto de emoções e sentimentos que se podem sentir ao trocar experiências/vivências no seu ambiente de estudos, trabalho e lazer.

Meira (In: Pillar, 2003) entende que viver é distinguir, escolher, criar, com base em uma estética que revela como os indivíduos corporificam seus sentimentos, os seus saberes que orientam sua vida. Para ela, é através desta estética que há uma educação subjacente sobre o viver e o conviver. Meira (In: Pillar, 2003) entende que educar a sensibilidade é poder encontrar os meios para identificar e extrair das coisas suas lições, pois antes de saber explicar o apreendido precisamos aprender a sentir.

Ao pensar nessa educação sensível e estética, observa-se que no estético encontra-se a possibilidade de perceber e pensar sobre aquilo que qualifica a experiência humana, porque essa qualificação é o resultado da interação de todas as capacidades humanas para dialogar com o meio. Um meio ambiente que, qualificado pela experiência estética, deixa de ser uma simples materialidade, convertendo-se em um potencial e diversificado universo de relações significativas. Interpreta-se que sem a mediação estética, a relação entre teoria e prática, fica desarticulada, pois o exercício pleno da cultura exige uma interação entre estética, ética e política, em todos os campos do saber.

Para uma educação sensível Duarte Júnior (2006) revela que nosso corpo não deve ser fragmentado (corpo-mente), pois para ele o saber sensível (tato,

olfato, paladar, audição, visão) e o inteligível (mental e intelectual-mente) revelam que só é possível quando ambos estão interligados, formando um ser sensível/inteligível.

Segundo Barbosa (2002) a arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem. A arte na educação é um importante instrumento para a identificação cultural e desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. Barbosa (2002) preocupa-se também em como a arte é concebida e ensinada. Pela perspectiva educacional, a autora defende que a arte pode ser um meio de aprendermos a lidar com as nossas emoções, mas precisa ser capaz de refletir sobre elas. (BARBOSA, 2002)

Desse modo, compreende-se que o importante na vida pessoal e profissional das pessoas é o viver de forma integrada. E entende-se que no processo educacional a via que permite essa integração é a arte. E é através da arte que podemos possibilitar uma compreensão mais lúdica de nossas vidas.

4. CONCLUSÕES

Pode-se ressaltar que as experiências enquanto discente são fundamentais para o exercício da docência, pois o professor torna-se responsável, em grande parte, por sua própria formação. Com isso, o aprender contínuo é essencial nessa profissão devendo, pois o professor se basear em sua pessoa enquanto sujeito e na escola enquanto lugar de crescimento profissional permanente. A formação do ser humano inicia a partir do momento que nasce e esta se desenvolve continuamente por toda sua vida. Assim, antes da formação acadêmica e do exercício da profissão docente, aprende-se o que é ser educador e o que é ser educando e vamos, a partir de nossas vivências enquanto discentes, construindo saberes a cerca do ensinar e do aprender. É claro que essas vivências poderão influenciar de alguma maneira o modo como os futuros educadores ensinarão, mas de qualquer jeito essas vivências irão se refletir no exercício da docência.

Para tanto, entende-se que é preciso voltar o ensino para uma educação mais significativa, mais sensível que considere mais importante as experiências vividas e experienciadas do que o conteúdo em si, pensando nos aspectos que permeiam a sua vida cotidiana. E é a partir dessa mediação que o educando passa por seu processo de construção do conhecimento, onde este precisa ter competência para fazê-la. Ele pode pensar em uma perspectiva lúdica onde possa disponibilizar o experienciar lúdico como possibilidade de reviver o que for significativo e ressignificar suas experiências lúdicas e aprender novos olhares, movimentos e sensações que o espaço-tempo da ludicidade pode oportunizar.

A partir disso pode-se compreender que a formação lúdica potencializa vivências que dialogam com a criatividade, a corporeidade e o sensível, vivências que se tornam, quando envolvidas pela reflexão, em experiências lúdicas. Logo, entendo que ao resgatar a criança que fomos, vamos entender e compreender o educador que somos e que queremos ser.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. T. B. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

DUARTE JR, João Francisco. *O Sentido dos Sentidos: a educação (do) sensível*. 4. ed. Curitiba, Paraná: Criar Edições Ltda, 2006.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. *Metodologia do Ensino da Arte: Fundamentos e Proposições*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de Vida e Formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e experiências lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. In: PORTO, Bernadete de Souza (Org.). *Educação e Ludicidade – Ensaios 02: Ludicidade, o que é mesmo isso?*, GEPEL/FACED/UFBA, 2002, p. 22-60.

MASSA, Monica. Ludicidade: da epistemologia da palavra à complexidade do conceito. *Revista APRENDER – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, Vitória da Conquista, Ano IX, n. 15, p. 111 – 130, 2015*.

MEIRA, Marly Ribeiro. Educação Estética, Arte e Cultura do Cotidiano. IN: PILLAR, Analice Dutra. (org.) *A educação do olhar no ensino das artes*. Cadernos de Autoria. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 121 – 140.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. In: *Vida de Professores*. Porto: Porto Ed., 1992, p. 11-30.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes & formação profissional*. Trad. Francisco Pereira. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.